

RESOLUÇÃO DE CONJUNTURA PARA O 69º CONEG DA UNE

A crise internacional do modo de produção capitalista, intensificada em 2008, abriu caminho para o crescimento da extrema-direita e do neofascismo em todo o mundo. Com receio de verem seus lucros e sua agenda de financeirização da economia ameaçados, as classes dominantes apostaram, em diversos países, em projetos neofascistas e/ou autoritários, desde que levassem adiante a cartilha econômica deste setor. Foi assim nos EUA, com Trump, no Brasil, com Bolsonaro, em Israel, com Netanyahu, bem como foi tentado por meio de golpes de estado na América Latina e em outros países subdesenvolvidos ou de economia dependente.

No Brasil, o resultado desta agenda foi o desmonte de importantes pilares da soberania nacional, como o esforço de precarização do SUS, a efetiva privatização da Eletrobrás, da TAG (Transportadora Associada de Gás), da BR Distribuidora e de refinarias de petróleo no Nordeste, além disso essa agenda retrograda buscou dizimar importantes políticas públicas conquistadas com luta no período dos governos populares como o Bolsa Família, o Mais Médicos e o PROUNI; os sucessivos ataques à Amazônia; o genocídio do povo negro, que evidencia o quanto a juventude periférica foi colocada como um dos principais alvos da violência policial; os ataques aos direitos dos Povos Tradicionais, mais recentemente o caso do povo Yanomami e a comunidade quilombola de Pinhões; o desmonte das agências e institutos de proteção e preservação dos biomas brasileiros e seus povos, como o IBAMA e a FUNAI; o desprezo à cultura, expresso no veto às leis Aldir Blanc 2 e Paulo Gustavo, já derrubados no Congresso Nacional; o rápido crescimento do subemprego, criando vagas precarizadas de trabalho e fingindo que são postos de emprego formal para mascarar os dados de desemprego, sobretudo entre os jovens; a diminuição criminosa do poder de compra dos salários e da moeda nacional, o Real, causando o crescimento exponencial da fome num contexto de uma inflação nos supermercados de todo país e dos abusivos preços de combustíveis gerados pela atual política de preços, pautada no dólar, adotada na Petrobras.

Todas estas duras consequências aplicadas por um governo anti Brasil, que *“passava a boiada”* por cima de tudo e de todos para executar sua agenda

reacionária, fascista e neoliberal. Nós, estudantes, sentimos profundamente o impacto da situação caótica de nosso país ao longo destes últimos anos. Enfrentamos até hoje inúmeras dificuldades para retornar nossos estudos e pesquisas. Enfrentamos até hoje inúmeras dificuldades para retornar nossos estudos e pesquisas. Estamos voltando aos poucos a ocupar as cadeiras das universidades, e são muitos os que entre nós se deparam com diversos obstáculos que dificultam ou mesmo impedem de retomarmos o exercício pleno desse direito.

Diante disso, os estudantes não se calaram. Já em 2019, a Bial da UNE, realizada em Salvador, inaugurou um grande ciclo de resistência que mobilizou sobretudo juventude e estudantes. Os Tsunamis da Educação arrastaram milhões de jovens no país inteiro para lutar contra os cortes nas universidades e institutos federais. Construimos também a campanha Fora Bolsonaro, sendo a UNE protagonista na realização de atos de rua, mesmo durante a pandemia. Nos reinventamos com diversas mobilizações digitais e simbólicas que derrubaram um Ministro da Educação, adiaram o ENEM, conquistaram a volta do FUNDEB e garantiram o pagamento das Bolsas do PIBID. No meio da corrida eleitoral de 2022 ainda organizamos uma grande jornada de lutas contra os cortes na educação Sem dúvidas, a UNE foi um dos movimentos que mais colocou gente na rua para derrotar o Bolsonaro, é uma das principais fiadoras da unidade no movimento social.

Impulsionados pelas mobilizações de rua, conjugamos uma frente ampla e democrática, fortalecida no 2º turno, com amparo na candidatura Lula. Esta amplitude política foi fundamental para enfrentar um adversário que em momento algum se importou com limites constitucionais. Bolsonaro se utilizou durante o processo eleitoral de um gigantesco aparato de desinformação, combinado com bilhões de reais do orçamento secreto, possivelmente o maior esquema de corrupção institucionalizada que o Brasil já viu. É por isso que a vitória de Lula deve ser amplamente comemorada. Foi uma vitória da democracia e do povo brasileiro. Pela primeira vez, desde a redemocratização, um presidente da República em exercício não foi reeleito. Por outro lado, Lula acumulou o maior número de votos na história em nosso país.

Não foi apenas o povo brasileiro que viu com bons olhos a eleição de Lula. Diversos chefes de Estado se apressaram em reconhecer o resultado e cumprimentar o Presidente eleito. Trata-se de um sinal evidente de retomada do

Brasil no cenário internacional, após constantes humilhações produzidas por uma política externa inepta, que relegou o país à condição de pária internacional e subordinada aos interesses da extrema-direita mundial. Este reposicionamento do Brasil se dá em um momento de intensa disputa geopolítica, com relativo declínio da hegemonia dos EUA enquanto principal potência econômica e ascensão da China. A vitória de Lula tem especial importância para blocos contra hegemônicos, como os BRICS e o seu Banco de Desenvolvimento, comandado pela ex-presidenta Dilma Rousseff, contribuindo para a consolidação de um novo mundo multipolar, no qual o Brasil será mais uma vez central nos debates sobre as questões globais.

Da mesma forma, é necessário compreender que Bolsonaro foi derrotado, mas o bolsonarismo ainda é uma força presente na sociedade. A derrota de Bolsonaro não é o fim do neofascismo no Brasil. Os ataques terroristas e golpistas às sedes dos três poderes em Brasília no dia 8 de janeiro demonstraram um processo de radicalização desta agenda. Se a rápida resposta institucional, de mobilização popular e da comunidade internacional foi fundamental para construir um isolamento e derrotar a tentativa de golpe, alguns elementos demonstram que ainda existe um longo caminho para a desbolsonarização do país.

Para isso, precisaremos fazer uma intensa disputa na sociedade, melhorando as condições de vida do povo brasileiro e fortalecendo a defesa da democracia, da participação popular nos rumos da sociedade, bem como a defesa de valores da solidariedade e da igualdade, valores feministas, antirracistas e antilgbtfóbicos. Por esse motivo, é fundamental lutarmos em defesa do programa vitorioso nas eleições de 2022, sem anistia para quem planejou, financiou e apoiou a tentativa de golpe, é essencial responsabilizar todos aqueles que conspiraram direta ou indiretamente contra a soberania popular. Se por um lado a amplitude política é fundamental na defesa da democracia, um governo de frente ampla precisa ser constantemente pressionado e disputado para que atenda aos interesses do povo brasileiro. Além disso, não derrotaremos o bolsonarismo sem realizarmos transformações econômicas que melhorem significativamente a vida do povo brasileiro e não existirá reconstrução do Brasil sem derrotarmos o fascismo.

Sabemos que a juventude tem um papel decisivo na reconstrução do Brasil, e em muitos momentos também travaremos disputas com o governo, a título de

exemplo da luta pela revogação da Reforma do Ensino Médio,. Portanto, a UNE deverá mobilizar permanentemente sua base, mantendo sua referência e acumulando forças para as lutas em defesa da democracia, mas também para impedir que o tal “mercado”, que ajudou a eleger Bolsonaro, pautar o governo Lula. Esta agenda que a UNE deve enfrentar no próximo período. Neste sentido, uma das medidas fundamentais é estancar a sangria que é o repasse aos bancos e fundos de investimentos, somente em 2022, por exemplo, foram repassados mais de 700 bilhões de reais ao setor financeiro, através de juros da dívida pública. Além disso, o arcabouço fiscal apresentado pelo governo, por mais que um avanço em relação ao teto de gastos anterior, é insuficiente para os investimentos que o país precisa, sendo necessário aumentar a pressão pela redução das taxas de juros e transformar o lucro dos rentistas em investimento público.

É tarefa fundamental para a UNE construir os fóruns e conselhos participativos. Tendo em vista um Congresso Nacional conservador e de direita, é necessário fortalecermos os espaços de participação popular que vão do nível municipal ao federal, dar força para os conselhos e fóruns participativos é fortalecer os movimentos populares e educacionais de forma a incidir cada vez mais no governo Lula.

Fato é que a mobilização dos estudantes nas ruas já traz resultados, como a suspensão da implementação do Novo Ensino Médio, a conquista do reajuste nas bolsas da Capes e do CNPq, a retomada de programas de combate à fome, o retorno do Bolsa Família, do programa Mais Médicos, etc.

Portanto, nossa tarefa central será mobilizar a juventude pelas reformas estruturantes que o Brasil precisa, como a política, agrária, tributária e urbana, avançando na democratização dos meios de comunicação e na reindustrialização do país com geração de empregos dignos, principalmente para as juventudes, além de defender um desenvolvimento sustentável que encerre a destruição da Amazônia e dos nossos biomas. Lutar pela revogação do Novo Ensino Médio e a apresentação de um projeto que leve em conta os anseios dos estudantes, a lutar pela implementação do plano emergencial para o ensino básico e a universidade brasileira deverá ser nossa prioridade, assim como derrotar a fome e a miséria, afinal as universidades precisam ser agentes no combate à fome. Precisamos nos

manter intransigentes na defesa da democracia e dos interesses do povo brasileiro. Somente a mobilização popular pode deter o neofascismo e este será o papel da juventude neste novo ciclo político que se abre.